
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

O CRISTIANISMO INQUIETO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE KIERKEGAARD E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTEMPORANEIDADE*

Tales Macedo da Silva (UFPE)

Resumo

A inquietação é uma característica de nossa existência. Isto não é diferente para aqueles que seguem a Cristo, como referência primordial da sua existência. Desta forma, não foi diferente com Kierkegaard que, por herança paterna, torna-se seguidor de Cristo na Igreja Luterana, porém tornou-se profundo crítico do cristianismo de sua época quando percebeu que aquele cristianismo contradizia o que ele aprendera nas Escrituras. Kierkegaard começou uma constante busca para a vivência verdadeiramente autêntica da cristandade. Esta busca acarretá-lo-ia uma grande inquietação, pois observa que a população dinamarquesa vivia uma religião totalmente voltada às conveniências estatais e não à conscientização da relação do eu com Cristo. É a partir daí que Kierkegaard discuti no seu pensar filosófico-teológico o tornar-se cristão, porque o ser cristão não é dado, mas sim buscado. Portanto, estes acontecidos o inquietava, pois presenciava os ensinamentos deixados por Cristo, sendo comprometidos pela ligação com o Estado, transformando o cristianismo em uma mercadoria para conseguir ganhar financeiramente o seu sustento. Nestas perspectivas podemos tecer uma comparação com muitas igrejas cristãs contemporâneas que não vivem os ensinamentos de Cristo e sim criam os seus próprios ensinamentos. Podemos também analisar essa ideia kierkegaardiana não só com as religiões cristãs, mas com tantas outras que deixam a essência de suas crenças e se perdem pela busca de suas vontades pessoais.

Palavras-chave: Autêntica. Cristianismo. Tornar-se cristão.

INTRODUÇÃO

Quem conhece, mesmo que seja pouco, o pensamento de Sören Aabye Kierkegaard entende que ele foi um grande nome nas discussões existenciais e cristãs. Na reflexão acerca da 'existência' tentou obter uma concepção do que seria a angústia e também o desespero, categorias centrais na filosofia do dinamarquês. Por outro lado, nas discussões 'cristãs', dissertou sobre suas inquietações acerca da vivência do cristianismo em seu país, tecendo assim, fortes críticas à cristandade e a Igreja Luterana da Dinamarca.

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

É a partir dessa última discussão que vamos elaborar um pequeno e breve ensaio sobre a noção de cristianismo de Kierkegaard nos grandes embates contra o cristianismo vivenciado na Dinamarca do século XIX.

Para o objetivo deste trabalho é interessante fazer uma breve contextualização histórica do cristianismo da Dinamarca que com a Reforma Protestante tornou-se Igreja Luterana. Desta forma, todas as pessoas que nasciam na Dinamarca já deveriam, obrigatoriamente, serem cristãs, por ordem do Estado. Não tendo, portanto, a chance de decidir!

> O batismo oficial era luterano, e era por meio dele que relações sociais melhores podiam ser estabelecidas (como reconhecimento, empregos etc.). A Igreja oficial também era responsável pelos casamentos, que geravam, por sua intermediação, efeito legal. Os pastores eram funcionários do Estado e pagos com proventos estatais. Eles eram uma espécie de representantes do estado e transmitiam ao povo a ideia de religião como obrigação legal. (DE PAULA, 2009, p. 111)

É com essa nova vivência um tanto sistemática que um tempo depois Kierkegaard não se conforma e tece ardentes críticas sobre a vivência daquele cristianismo e também a vivência daqueles que se julgavam autorizados para levar os fiéis para o cristianismo. É neste começo que já observamos uma inquietude no pensamento de Kierkegaard, pois aquele cristianismo que ele teria aprendido no Novo Testamento não estava sendo vivenciado e praticado. Essa foi umas das revoltadas com os seus conterrâneos – principalmente contra o pastor Martensen.

Outra indignação, podemos dizer assim, de Kierkegaard foi quando em fevereiro de 1854, por ocasião do funeral do bispo Mynster, um bispo muito conhecido na Dinamarca, principalmente em Copenhagen, cidade do jovem Kierkegaard, o pastor e sucessor Martensen afirmou, em seu discurso, que a pessoa do bispo Mynster teria sido uma "verdadeira testemunha da verdade". Essa conclusão do pastor Martensen foi rechaçada por Kierkegaard, pois no seu entendimento ninguém se torna testemunha da verdade, porque o único que pôde se tornar e fez isso com

grande maestria foi Cristo. Ele sim foi e é, a testemunha da verdade e no qual devemos todos imita-lo. Principalmente porque o cristianismo era visto por Kierkegaard como uma renúncia do mundo, um viver fora-da-lei. (DE PAULA, 2009, p. 112).

A partir daí Kierkegaard arcou como propósito defender a essência do cristianismo do ele nomeava incrédulos, blasfemadores, que viviam transformando a verdade do cristianismo em mera verdade de si. O dinamarquês reagiu a afirmação de Martensen em 28 de dezembro de 1854, comunicando a sua inquietação frente a afirmação dada para o bispo em seu funeral. Também perguntou a ele o que entendia sobre o que seria testemunha da verdade. Kierkegaard, porém, não obteve resposta do pastor.

> Então, quando o Novo Testamento é posto de lado, a proclamação do cristianismo feita pelo bispo Mynster foi, especialmente para uma testemunha da verdade, uma dúbia proclamação do cristianismo. Mas havia, segundo eu penso, essa verdade, uma vez que ele era alguém submisso. Estou completamente convencido a confessar diante de Deus e diante dele mesmo que ele não foi, de modo algum, de maneira nenhuma, uma testemunha da verdade. Na minha visão, essa confissão é precisamente a verdade. (KIERKEGAARD, 1998, p. 4)[1]

A partir disso Kierkegaard constrói um caminho de críticas a cristandade onde não é possível a vivência da singularidade pelo fato da preponderância do Estado na mediação da fé, o que concorre para a manipulação da população no sentido de uma homogeneização pela qual todos são vistos como cristãos devido a seu mero pertencimento ao Estado.

Iniciaremos com uma reflexão acerca do significado do cristianismo em Kierkegaard, defendendo o cristianismo como um paradoxo, onde o Deus e o Homem, tornam-se o mesmo ser em um só indivíduo, vivendo a infinitude com fortes raízes finitas. Abordaremos ainda a ideia da busca do

[1] Tradução para o português de Marcio Gimenes de Paula, na obra "Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard, p. 113

"tornar-se cristão" no pensamento de Kierkegaard, pelo qual não somos plenamente cristãos, mas buscamos sempre o tornar-se cristão, ou seja, obtemos uma experiência do que é ser cristão. Posteriormente, tentaremos continuar a exposição da crítica de Kierkegaard a cristandade e a Igreja Oficial da Dinamarca.

No final desse trabalho transportaremos o pensamento de Kierkegaard acerca desta vivência do cristianismo para a nossa contemporaneidade. Observaremos a atualidade da crítica de Kierkegaard na vivência cristã no século XXI e como ainda se torna pertinente a sagacidade desta luta kierkegaardiana, para a construção de um cristianismo mais verdadeiro, mais autêntico. Também nos propomos apreciar qual o porte da crítica kierkegaardiana para a busca de uma prática religiosa autêntica nas religiões não-cristãs.

O CRISTIANISMO COMO UMA VIVÊNCIA VERDADEIRAMENTE AUTÊNTICA

A constante busca por uma vivência autêntica do cristianismo perpassa em toda filosofia de Kierkegaard. Para verificarmos como Kierkegaard contextualizou essa ideia de um cristianismo verdadeiro, temos que passar pela crítica que o próprio dinamarquês elaborou á vivência incoerente da cristandade dinamarquesa marcadamente pela sua ligação com o Estado, mecanismo pelo qual os pastores tornavam-se funcionários do Estado e, assim, obrigados a reproduzirem em seus sermões a obrigatoriedade do cristianismo para todos. Para chegarmos a uma boa compreensão desta árdua crítica kierkegaardiana ao cristianismo vivido na Dinamarca, é necessário ter presente a visão de Kierkegaard do que seria o cristianismo compreendido como uma paixão pelo paradoxo Deus-Homem. Por isso, em algumas obras, com seus pseudônimos, ele

expressa a ideia de que o cristianismo é paradoxal, pois o Cristo veio ao mundo sendo ao mesmo tempo homem e Deus em um só ser.[2]

Primeiramente é interessante notar que o pensamento de Kierkegaard, é uma busca por uma vivência de algo que já está, aos poucos, sendo eliminado na sua sociedade. Trata-se do próprio cristianismo. Kierkegaard ver este cristianismo como uma paradoxalidade profunda. Essa ideia de paradoxo para o dinamarquês é "como manter firme a diferença entre finito e infinito, entre humano e divino e, ao mesmo tempo, como manter firme a relação entre as duas realidades" (NICOLETTI, 2003, p. 311).

É nesta busca constante de conseguir entender como se torna possível um ser individual, ser ao mesmo tempo homem e Deus, dando também a ligação de que ele tinha forte raízes finitas, já que ele era homem e também tendo sua vida direcionada ao infinito, já que ele era Deus. Podemos ter dificuldades para entender qual foi a figura de Cristo, já que basicamente ele vivia numa contradição mediante a todos os paradigmas éticos. Acreditamos que o motivo desse paradoxo ou contradição, concretiza-se em vista de nos possibilitar a percepção de que o fato de Cristo ter vivido como nós, seres humanos, mantem a possibilidade de nós vivermos conforme os ensinamentos do próprio Cristo-Deus. Dentre alguns desses ensinamentos podemos citar a vivência do amor para com o outro, não perdendo a sua singularidade, mas com ela ajudar ao o outro encontrar a sua interioridade e aí a singularidade.

Quando Kierkegaard aborda na sua obra de 1850, *O exercício do cristianismo*, sobre a noção da possibilidade do escândalo, a recepção foi negativa por parte de sua sociedade de então. Mas, Kierkegaard defende que essa possibilidade é essencial para a fé, porque se não existisse essa possibilidade, não existiria a possibilidade da fé, a fé verdadeiramente

[2] Explicaremos mais para frente essa ideia de cristianismo paradoxal

vivenciada se torna escândalo para a razão, para a ética. Por isso, o exemplo bíblico de Abraão é paradigmático para Kierkegaard. Como bem sabemos, Deus pede a Abraão seu único filho para sacrifico, ou seja, alguém que ele amava. E Abraão silenciosamente aderiu a vontade de Deus e foi até o Monte indicado por Deus para sacrificar o filho. O que diriam os conterrâneos de Abraão se soubessem dessa atitude? Com toda razão, diriam que ele estava louco em prosseguir com esse sacrifício. Quer dizer, o condenariam do ponto de vista ético (razão).[3]

> A possibilidade do escândalo é uma espécie de encruzilhada. Dessa possibilidade partem dois caminhos, um leva ao escândalo e o outro à fé, mas não se chega jamais à fé sem passar através da possibilidade do escândalo. (KIERKEGAARD *apud* Nicoletti, 2003, p. 315 e 316)

Nesta última citação observamos mas uma vez uma contradição pelo fato de condicionar a chegada ou alcance da fé à passagem pela ~~a~~ possibilidade do escândalo. Isso significa que o escândalo é inerente ao próprio núcleo do cristianismo, ou seja, à síntese de Deus e Homem em Cristo (NICOLETTI, 2003, p. 316).

É ilustrativo em Kierkegaard a atribuição de três características fundamentais a Cristo: atribui ao Cristo como mediador; Cristo como paradoxo[4] e Cristo como modelo. (NICOLETTI, 2003, p. 319 – 324)

O Cristo é o mediador na distância entre o infinito e finito. Ele nos ajuda a viver nesta complexa relação do meu eu para com o eu divino. Para isso é preciso concretizar um salto. Isto é, Cristo vem em auxilio ao existente para que possa ser como termo médio do pulo da finitude à infinitude. O homem em si não tem condições por si mesmo de conseguir passar da finitude para infinitude e por isso Kierkegaard caracterizou esta ideia de Cristo como um mediador. "Sem mediação estaríamos condenados ou a tempo sem eternidade ou à eternidade sem tempo, mas

[3] Um pouco mais sobre a concepção kierkegaardiana acerca da história de Abraão conferir a obra de 1843 *Temor e Tremor*, do pseudônimo Johannes de Silentio.
[4] Expressão que já nos referimos neste trabalho.

em todo caso uma parte do eu (que é síntese entre finito e infinito) ficaria de fora" (NICOLETTI, 2003, p. 316)

E para Kierkegaard:

> O eu diante de Cristo é eu potenciado por uma imensa concessão de Deus, potenciado pela importância imensa que lhe é concedida pelo fato de que Deus também por amor a este eu dignou-se nascer, encarnou-se, sofreu e morreu. Como ficou dito acima, quanto mais ideia de Deus, mas eu, também aqui é preciso dizer: quanto mais ideia de Cristo, mas eu. (KIERKEGAARD *apud* NICOLETTI, 2003, p. 319)

O cristo como paradoxo, como já foi abordado é essa ideia de um ser (Cristo) ao mesmo tempo Deus e homem, Infinito e finito, Eterno e tempo.

> Jamais uma doutrina na terra realmente aproximou tanto Deus e o homem quanto o cristianismo e nenhuma o podia, porque só Deus pode fazê-lo; toda invenção humana permanece um sinal, uma imaginação incerta. Mas ao mesmo tempo nenhuma doutrina jamais se defendeu com tanta precaução contra a mais horrível de todas as blasfêmias, a saber, a de querer tornar vão o passo que Deus deu; como se, no final das contas, Deus e o homem se identificassem. Jamais uma doutrina se defendeu de tal interpretação como o cristianismo, o qual se defende por meio do escândalo. (KIERKEGAARD *apud* NICOLETTI, 2003, p. 321)

E por último Cristo é o modelo a ser vivido, a ser espelhado. Kierkegaard dar uma grande preferência para o indivíduo imitar a Cristo e não apenas admirá-lo. Pois se ficarmos em uma eterna admiração a Cristo pelo que viveu e fez por nós, não viveremos a radicalidade dos atos e ensinamentos que ele nos deixou em sua passagem na vida terrena. Por isso, Kierkegaard dar essa característica de Cristo como o modelo a ser seguido e imitado.

> Cristo é realmente o Modelo, mas por isso ele é também o estimulo que eternamente incita a atingir o ideal humano, porque outra coisa ele não exprime senão que era homem igual aos outros. Ele torna o divino totalmente comensurável ao homem comum, não permite indulgencia com ninguém, não se põe fora, como objeto de um preguiçoso admirar e contemplar, mas está por trás para impelir os homens para fora, para o perigo. (KIERKEGAARD *apud* NICOLETTI, 2003, p. 322)

Porém, é preciso ter um cuidado com a ideia de que Cristo é o modelo, porque ao mesmo tempo que Ele é o modelo é também o Redentor/ Salvador. Temos que desejar imitar o Cristo na sua ação na terra, a relação que Ele tinha com os seus semelhantes. Mas não podemos querer imitar a sua Redenção, pois desejando isto estaríamos deslocando da posição de modelo para a posição de um competidor na relação conosco. Portanto, é essencial mantermos equilíbrio entre os elementos Cristo-Modelo e Cristo-Redenção.

> Por conseguinte não se deve tomar ao pé da letra que Cristo é o Modelo, e que a mim não resta outra coisa senão querer imitá-lo. Em primeiro lugar eu preciso do seu auxilio para poder assemelhar-me a ele. Em segundo lugar, enquanto ele é o Salvador e o Redentor dos homens, eu não posso certamente assemelhar-me a ele. A concepção medieval de Cristo como Modelo, aquele zelo de assemelhar-se a ele, é a juventude que quer agir logo (...). Mas depois acabou-se por acentuar o Cristo-Graça com tanta força que o Cristo-Modelo quase se esvaiu como algo elevado demais. Mas nem mesmo isso é permitido fazer. (KIERKEGAARD *apud* NICOLETTI, 2003, p. 322)

A abordagem do andarilho de Copenhagen acerca do cristianismo possibilita entender que a busca para uma vivência verdadeiramente fiel e autêntica do cristianismo é a busca de si mesmo na relação com Ele (Deus). Chegamos neste ponto ao núcleo do pensamento de Kierkegaard, segundo Jonas Ross, que seria o "tornar-se cristão".[5]

É constante da vida do filósofo dinamarquês a busca por ser um cristão, por se sentir cristão. Em meio a uma sociedade coberta de soberba e egoísmo, sempre desejando ser mais que os outros e querendo lucrar com tudo que faz na sua existência, Kierkegaard começa nos últimos anos de sua vida uma crítica ao cristianismo luterano dinamarquês, ou seja, à cristandade dinamarquesa. Kirmmse afirma que "o ataque à cristandade deve ser compreendido inteligentemente não

[5] Entrevista de Jonas Ross concedida a Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, com o titulo "Tornar-se cristão, o núcleo do pensamento de Kierkegaard". Link: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4965&secao=418 Acessado no dia 25 de agosto de 2016.

como uma aberração, mas como uma resposta ao desenvolvimento social e político do tempo de Kierkegaard" (KIRMMSE,1990, p.4 *apud* DE PAULA, 2007, p. 111)

A busca por tornar-se cristão é essencial para a vida do ser humano que tem desejos de cumprir os ensinamentos do Cristo, quando o mesmo estava em sua vida terrena neste mundo. Kierkegaard não concorda que em Copenhagen se torna obrigado todos serem cristãos, todos serem batizados como cristãos. A busca, para Kierkegaard, é individual, interna e singular e cada um com sua determinada experiência busca ou não busca se tornar cristão.

> Em vez de corrigir doutrinas, a preocupação básica de Kierkegaard era corrigir vidas cristãs por meio de uma investigação de cunho existencial, a saber, tentar descobrir o que se deve fazer para tornar-se cristão, uma questão que parecia ter quase desparecido de vista na Europa do século 19. Portanto, em vez de propor as questões "o que é cristianismo?" como fez Harnack, ou "o que uma pessoa deve acreditar para ser um cristão?" ele coloca o problema de outro modo perguntando: "o que acontece comigo quando eu me torno cristão?". (GOUVÊA, 2006, p. 126)

Podemos observar que se torna impossível o indivíduo dizer que é cristão por completo, porque não somos e nunca vamos ser a totalidade por completo, buscamos ser cristão, buscamos seguir os ensinamentos de nosso mestre Jesus Cristo, mas se torna um equívoco obter a totalidade dessa afirmação porque somos falhos, imperfeito e incompletos e entre finito e infinito há a diferença intransponível pela mera vontade humana.

O ponto a que chegamos com nossa abordagem até aqui possibilitou-nos perceber a importância do "tornar-se cristão" como base do ser cristão para a crítica de Kierkegaard à cristandade de sua época. Dando isso por suposto, focaremos agora sua maximização na forte relação com a Igreja Oficial nos dois últimos anos de sua vida.

Em fevereiro de 1854, o bispo Mynster chega ao fim da sua vida e por ocasião da celebração de corpo presente, o pastor Martensen, que será o sucessor de Mynster, no decorrer do seu discurso de apresentação

do falecido, afirma que Mynster foi uma pessoa verdadeiramente "autentica testemunha da verdade". Para os ouvidos de Kierkegaard essas poucas palavras soaram de uma forma muito inquietante para sua existência. Pois, para Kierkegaard ninguém conseguiria chegar a ser uma testemunha da verdade, pela radicalidade dos ensinamentos de Deus. O único que se tornou a "testemunha da verdade" foi Cristo, o paradoxo do Deus-Homem.

Essa afirmação de Martensen provocou uma grande agonia no interior de Kierkegaard, que já por volta dos seus quarenta e um anos, teceu uma forte crítica ao que o pastor tinha pronunciado. Pois não seria cabível alguém que era mais um funcionário do Estado do que anunciador de Cristo, fosse chamado com tamanha certeza por outro que também era só mais um funcionário do estado.

A partir disso Kierkegaard mandou uma carta para o pastor Martensen, em 28 de dezembro de 1854 pedindo esclarecimentos sobre essa forte afirmação que o inquietou. Perguntando ao pastor o que seria testemunha da verdade e principalmente o que seria a verdade. O novo bispo, porém não reage a essa pergunta de Kierkegaard e silencia.

> Então, quando o Novo Testamento é posto de lado, a proclamação do cristianismo feita pelo bispo Mynster foi, especialmente para uma testemunha da verdade, uma dúbia proclamação do cristianismo. Mas havia, segundo eu penso, essa verdade, uma vez que ele era alguém submisso. Estou completamente convencido a confessar diante de Deus e diante dele mesmo que ele não foi, de modo algum, de maneira nenhuma, uma testemunha da verdade. Na minha visão, essa confissão é precisamente a verdade. (KIERKEGAARD, 1998, p. 4 *apud* DE PAULA, 2009, p.113)

A partir desse momento Kierkegaard fortifica sua polêmica sobre o cristianismo, esta crítica que já foi falada incialmente em suas obras pseudônimas *Migalhas Filosóficas e Pós-escritos*. Mais claramente a partir do Pós-escritos que apresenta sua estratégia de dissipar a ilusão da cristandade, acerca do que era vivenciado e perpetrado pelo Estado dinamarquês. Desta forma, o filósofo concorda com a ideia de Ludwig

Feuerbach[6] sobre a religião ser algo ilusório. Lembramos que esta comparação é baseada especialmente naquele cristianismo que era vivido pela Igreja Oficial da Dinamarca que não era verdadeiro, apenas uma ilusão para os praticantes, na avaliação de Kierkegaard.

Temos que ter em mente que essa crítica de Kierkegaard ao cristianismo da Dinamarca funda-se na avaliação de sua inobservância da vivência daquele cristianismo que era ensinado no Novo Testamento. Tal situação reduzia o "ser cristão' a uma monopolização da Palavra de Deus por funcionários do Estado que apoiados na autoridade do próprio Estado relegava a subjetividade a segundo plano na vida religiosa dos que se diziam cristãos. Vale ressaltar que a ideia kierkegaardiana de que só o eu/self chega a Deus, da verdade a partir da subjetividade. Lembrando que a singularidade não é voltada para um solipsismo ou um indivíduo egóico. Mas sim, para um eu com relação consigo mesmo e principalmente com o outro.

Kierkegaard não podia aceitar que todos os habitantes da capital dinamarquesa, como também de toda Dinamarca, eram cristãos, pois a experiência tem que ser vivida individualmente e não como multidão. Para Kierkegaard era preciso sair da mediação da multidão e obter um relacionamento com Cristo, e não focalizar a sua relação apenas na mediação da instituição chamada igreja, pois ela não salva ninguém; a

[6] "Ludwig Feuerbach (1804-1872) primeiro estudou teologia em Heidelberga e depois foi para Berlim, a fim de ouvir diretamente Hegel. De Berlim, escrevia ao pai: 'aprendi com Hegel em quatro semanas tudo o que antes não aprendi em dois anos.' Mas as dúvidas não tardaram a surgir. Em 1830, tomou posição contra a direita hegelianas, com o ensaio Pensamentos sobre a morte e a imortalidade, onde a imortalidade é negada para o indivíduo em particular e admitida apenas para a humanidade. Esse escrito bloqueou a carreira acadêmica de Feuerbach. Durante o ano de 1848, porém, os estudantes progressistas de Heidelberga o convidaram a ministrar um curso, quando então desenvolveu as Lições sobre a essência da religião, publicadas depois em 1851. À exceção desse parêntese público, Feuerbach viveu afastado, em total miséria, tendo morrido em Rechenberg, em 1872, esquecido por todos. (...) Em 1841, sai a obra mais importante de Feuerbach, A essência do cristianismo, na qual o autor efetua o que ele mesmo define como a redução da teologia e da religião à antropologia." (REALE, 1991, pp. 171 -172) É essa última obra que Kierkegaard vai ler antes de elaborar as duas obras citada no texto.

única pessoa que pode te salvar é você mesmo, você escolhe o caminho que deseja seguir; as possibilidades que deseja deixar para traz e isso configura a vivência da angústia, que trataremos em outro momento. A relação com Cristo chagado só depende do lançar-se singular a esse chagado e não como algo obrigado a ser.

> O batismo oficial era luterano, e era por meio dele relações sociais melhores podiam ser estabelecidas (como reconhecimento, empregos etc.). A Igreja oficial também era responsável pelos casamentos, que geravam, por sua intermediação, efeito legal. Os pastores eram funcionários do Estado e pagos com proventos estatais. Eles eram uma espécie de representantes do Estado e transmitiam ao povo a ideia de religião como obrigação legal. A figura do pastor ocupa um lugar proeminente nessa sociedade; ele representa o Estado não somente de um modo simbólico, mas um modo legal, uma vez que muitos contratos civis eram firmados nas igrejas. (DE PAULA, 2009, pp. 111 – 112)

As críticas de Kierkegaard à vivência do cristianismo na sua época não podem servir de pretexto para supor que ele não foi cristão. Ele afirmava que não era cristão conforme os preceitos vivenciados pela sociedade dinamarquesa, principalmente pela relação simbiótica com o Estado que propiciava aos pastores uma união e uma relação funcional que lhes garantia ter um salário pelo seu trabalho na igreja, tornando-os, assim, meros funcionários públicos. É essa espécie de despersonalização do cristianismo que o torna na visão de Kierkegaard uma ilusão no século XIX. E no meado do século XXI uma vivência autenticamente do cristianismo continua muito difícil de ser realizada, mesmo que por razões diferentes daquelas que embasaram as críticas de Kierkegaard à cristandade. É o que vamos tecer nas páginas que seguem desse trabalho, como que a crítica de Kierkegaard ao cristianismo tem sua relevância para os dias de hoje.

IMPLICAÇÕES DA CRÍTICA KIERKEGAARDIANA PARA CONTEMPORANEIDADE

A noção do "tornar-se cristão" na compreensão de cristianismo de Kierkegaard converge para a perspectiva de superação de toda e qualquer

identidade fixa ou congelada do cristão. O cristianismo é captado como um caminho e, assim, ousamos dizer, como uma permanente aprendizagem. Embora não vivamos hoje num sistema de cristandade tal qual Kierkegaard vivia, entendemos que sua crítica pode ser estendida a toda e qualquer prerrogativa de mediação massiva da experiência religiosa que, como tal, subverta o "ser-sujeito" de cada pessoa na relação com Deus. Como se apresentam em nossa sociedade atual as mediações das experiências religiosas no tocante à receptividade singular de cada pessoa do paradoxo cristão? Se ontem tínhamos um Estado amalgamado com a religião, fazendo desta seu instrumento de legitimação, hoje convivemos com uma concepção de cristianismo ávida de monopolização do poder político e dos processos legislativos com vistas à imposição de perspectivas religiosas particulares como leis universais para todos os cidadãos. Afinal, parece se desenhar nesta linha a atuação de bancadas religiosas nos diversos parlamentos em nível municipal, estadual e federal.

Muitos sacerdotes, pastores e outras lideranças religiosas vivem inteiramente da instrumentalização da boa vontade dos fieis para assegurar uma vida confortável privadamente, sem o intuito de favorecer um encontro e conhecimento pessoal de Cristo, mas, sim a sedimentação de sua necessidade enquanto mediador na relação com Deus.

Assim:

> Estas expressões carregadas de Kierkegaard transmitem a força, a seriedade e a severidade do seu ataque à igreja institucional em 1855. Para Kierkegaard, a religião que a Igreja Estatal da Dinamarca de seu tempo sustentava e pregava não era cristianismo do Novo Testamento, e as pessoas em geral não pareciam percebê-lo e continuavam a considerar-se cristãs. Cristãos nominais ainda fazem o mesmo hoje em dia por todo o mundo. Muitos "cristãos" de todas as denominações não têm a ideia do que seja o cristianismo, pois verdadeira resolução e transformação interna raramente é conhecida. Estes precisam ouvir Kierkegaard. (GOUVÊA, 2006, p.122)

É assim que observamos a ligação de Kierkegaard para a nossa contemporaneidade, em muitas das igrejas e templos o Cristo que é pregado não é aquele que aprendemos no Novo Testamento, mas sim o pseudo-Cristo que está sendo pregado para os desejos do próprio pregador.

A inquietação em face de um cristianismo estabelecido e massificado é característico da visão kierkegaardiana pelo contraste que isso representa com sua formação luterana. Tentamos trazer essa exposição sobre a inquietação kierkegaardiana acerca da cristandade de sua época, pois é necessária uma reflexão sobre as imagens de identidade cristã na atualidade. Em Kierkegaard, identificação cristã e singularidade são indissociáveis e, desta forma, cristianismo não se reduz a uma exterioridade desprovida de interioridade.

Kierkegaard foi um filósofo que enfatizou a busca pela sua singularidade, para sair da multidão sem que isso represente um salto para o egocentrismo. Trata-se, assim, de fazer frutificar a interioridade para poder ajudar o outro na busca pela sua subjetivação religiosa ou não. A perspectiva kierkegaardiana de cristianismo provoca uma ressignificação da busca de Deus na linha da autenticidade que supõe sempre a implicação de cada sujeito singular nessa busca. Enfim, a crítica kierkegaardiana sobre a cristandade permanece muito atual para o século XXI naquilo que fenomenicamente percebemos de massificante, despersonalizador, monopolizador e totalizador nas experiências religiosas.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, Marcio Gimenes. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard** – São Paulo: Paulus, 2009.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo:** Uma introdução a Kierkegaard. São Paulo: Fonte Editorial, 2006

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **The moment and late writings**. Trad. Edna H. Hong e Howard V. Hong. New Jersey: Princenton University Press, 1998.

_____. Sören Aabye. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas**, vol I. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013 (Coleção Pensamento Humano)

NICOLETTI, Michele. Sören Aabye Kierkegaard: O cristo: mediador, paradoxo e modelo. In: ZUCAL, Silvano (Org.). **Cristo na filosofia contemporânea:** Vol. I: De Kant a Nietzsche. São Paulo: Paulus, 2003. Cap. 10. p. 305-333.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** do romantismo até nossos dias. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

ROSS, Jonas. **Tornar-se cristão, núcleo do pensamento de Kierkegaard.** 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4965&secao=418>. Acesso em: 25 ago. 2016.